

Reflexões de August Schleicher sobre a autonomia e a complementaridade da Linguística e da Filologia

Rogerio Ferreira da NOBREGA¹

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil;
| rogerio.nobrega@usp.br | <https://orcid.org/0000-0001-9684-1952>

Resumo: Embora os adeptos da “nova filologia” (*neue Philologie*) da primeira metade do século XIX percebessem estar seguindo caminhos distintos daqueles traçados pelos praticantes da filologia clássica, eles não se ocuparam de distingui-las claramente em conformidade com seu escopo. Somente na segunda metade do século XIX, o estudioso alemão August Schleicher viria a formular uma distinção nítida entre *Philologie* e *Linguistik*. O objetivo deste artigo é descrever e analisar como Schleicher, sobretudo em sua obra de 1850, concebia a natureza de ambas as disciplinas, seus objetos e métodos próprios de investigação. Este estudo foi realizado dentro do referencial teórico da historiografia da linguística (cf. Swiggers, 2004, 2017), com ênfase na história interna da ciência. Como resultado, observa-se que Schleicher caracteriza as línguas como organismos naturais, cujo desenvolvimento é explicado com base em sua tipologia morfológica. A disciplina que tem a língua como objeto de investigação é a linguística, e seus métodos são análogos aos das ciências naturais. Em contrapartida, a filologia utiliza a língua como meio para a investigação da “vida espiritual” de um ou mais povos, constituindo-se como uma ciência histórica. A originalidade de Schleicher reside em suas formulações sobre a mutualidade de autonomia e complementariedade entre ambas as disciplinas.

Palavras-chave: Historiografia Linguística. Gramática. Escolas Linguísticas. Linguística Histórico-Comparativa. Filologia. Tipologia das Línguas. Reconstrução Linguística.

August Schleicher’s reflections on the autonomy and complementarity of Linguistics and Philology

Abstract: Although the proponents of the “new philology” (*neue Philologie*) in the first half of the 19th century recognized that they were following paths distinct from those traced by practitioners of classical philology, they did not concern themselves with clearly distinguishing these paths in terms of their scope. It was not until the second half of the 19th century that the German scholar August Schleicher formulated a clear distinction between *Philologie* and *Linguistik*. The aim of this paper is to describe and analyze how Schleicher, particularly in his 1850 work, conceived the nature of both disciplines, their objects, and their respective methods of investigation. This study was carried out within the theoretical framework of the historiography of linguistics (cf. Swiggers, 2004, 2017), with an emphasis on the internal history of science. As a result, we observe that Schleicher characterizes languages as natural organisms

whose development is explained based on their morphological typology. The discipline that takes language as its object of investigation is linguistics, whose methods are analogous to those of the natural sciences. Philology, on the other hand, treats language as a means of exploring the “spiritual life” of one or more peoples and is a historical science. Schleicher’s originality lies in his formulation of the mutual autonomy and complementarity of the two disciplines.

Keywords: Linguistic Historiography; Grammar; Linguistic Schools of Thought; Historical-Comparative Linguistics; Philology; Language Typology; Linguistic Reconstruction.

| Introdução

Ao longo do século XIX, os termos “filologia” e “linguística” receberam diferentes denotações. Nesse contexto, o termo filologia remetia a áreas mais ou menos abrangentes, ora abarcando o que se entendesse por “linguística”, ora tendo sentido restrito e, consequentemente, distinguindo-se de e cedendo espaço ao que se entendesse especificamente por “linguística”.

Segundo August Schleicher (1821–1868), o objeto e os métodos da filologia e da linguística não se confundiam, mas tampouco rivalizavam entre si. A rigor, ambos se complementavam. Schleicher se autovinculava à linguística, a qual considerava uma ciência natural.

Uma geração de estudiosos da linguagem imediatamente posterior à de Schleicher, nomeadamente a dos “neogramáticos”, ou, literal e preferivelmente, “jovens gramáticos” (*Junggrammatiker*), tendia a caracterizar sua teoria e seus métodos como inovadores em relação aos de seus antecessores, ao menos quando dos primeiros embates e polêmicas mais animosas entre as diferentes gerações.

A controvérsia envolvendo os jovens gramáticos Karl Friedrich Christian Brugmann² (1849–1919) e Hermann Osthoff (1847–1909), por um lado, e Georg Curtius (1820–1885), por outro, ilustra o cerne da discordância: à revelia de Curtius, quando de sua ausência temporária da cidade de Leipzig, na Alemanha, Brugmann (1876a, 1876b) publicara dois artigos no periódico de que seu compatriota era fundador e editor geral, o que resultou ser o estopim da controvérsia. Pouco tempo depois, Osthoff e Brugmann passaram a editar seu próprio periódico, denominado *Morphologische Untersuchungen* [“Investigações

2 Sobrenome grafado como Brugman nos originais de todas as publicações mencionadas neste artigo.

Morfológicas”]. No prefácio à sua primeira parte, Osthoff e Brugmann (1878) adotam uma retórica revolucionária em relação às práticas imediatamente anteriores, acentuando, assim, ainda mais a desavença entre as partes (cf. Morpurgo Davies, 1998, p. 230-233).

Apesar de falecido havia uma década, Schleicher não escapou ao posicionamento crítico dos jovens gramáticos. Em sua *Einleitung in das Sprachstudium* [“Introdução ao Estudo da Linguagem”] (1880), Berthold Gustav Gottlieb Delbrück (1842–1922), estudioso alemão cujo nome também é associado à “orientação dos jovens gramáticos” (*junggrammatische Richtung*), chega ao ponto de afirmar que Schleicher teria sido um filólogo.

Diante desse quadro, faz-se mister questionar a razão pela qual haveria de se caracterizar Schleicher como um filólogo, dado que o próprio buscara reiteradas vezes distinguir inequivocamente a filologia da linguística.

O objetivo deste artigo é descrever e analisar os conceitos de filologia e linguística discutidos por Schleicher (1850). Procurar analisar mais detidamente alguns aspectos em particular, notadamente, as visões de língua apresentadas pelo autor, o que ele entende como tarefas e métodos da filologia e da linguística, e como tais aspectos fundamentam as definições que formula para ambas as disciplinas. Para tanto, a análise foi conduzida da perspectiva da historiografia linguística, baseando-se no modelo descritivo-explicativo das camadas do conhecimento linguístico (cf. Swiggers, 2004; 2017) para o estabelecimento dos parâmetros norteadores da análise dos aspectos supracitados. Em benefício da contextualização da produção científica de Schleicher, suas visões foram confrontadas com as de alguns autores de seu entorno histórico imediato.

A controvérsia “filologia” vs. “linguística” no século XIX

A contenciosa questão envolvendo o estatuto da “filologia” e da “linguística” durante o século XIX – e além – pode ser explorada, por exemplo, na tentativa de mapeamento das origens do debate realizada por Koerner (1989b). As divergências não dizem respeito meramente à assimetria taxonômica observável, por exemplo, no caso do inglês britânico e do estadunidense mais antigo, em que o termo *philology* designa(va) não somente o estudo da cultura por meio dos textos (alemão *Philologie*, francês *philologie*), senão também a disciplina que, em outras línguas, entendia-se estritamente por “linguística” (alemão *Sprachwissenschaft* “ciência da linguagem”, francês *linguistique*), a qual, em grande medida, ao longo de parte significativa do século XIX, era empregada de forma equivalente a “linguística comparada”.

Para Schleicher, a linguística requer *Universalität* “universalidade”, o que não se aplica à filologia. Por conseguinte, exige-se do linguista a familiaridade com o máximo de línguas possível, condição que lhe permite adquirir uma visão geral do campo linguístico, notadamente com auxílio da *Sprachvergleichung* “comparação linguística”. A comparação linguística era um procedimento costumeiramente entendido como sinônimo de linguística propriamente dita, noção à qual Schleicher não faz objeção. Ao filólogo, por outro lado, bastaria conhecer poucas línguas ou mesmo uma única língua para atuar no campo.

Schleicher (1850) recorre frequentemente a analogias para exemplificar seu ponto: o linguista se assemelharia ao zoólogo, que necessita conhecer o reino animal de modo abrangente, enquanto o filólogo seria mais parecido com um camponês, a quem a habilidade na lida com certos cavalos já seria satisfatória. Essa visão persiste em escritos posteriores do autor. Observem-se, por exemplo, as analogias que ele faz entre o linguista e o botânico, por um lado, e entre o filólogo e o jardineiro, por outro (cf. Schleicher, 1860, p. 120).

A mesma assimetria não se observa, ao menos não de maneira tão acentuada, na prática de linguistas histórico-comparativistas de inícios do século XIX. Koerner (1989b, p. 235) observa que Jacob Ludwig Karl Grimm (1785–1863) e outros, como o alemão Franz Bopp (1791–1867) e o dinamarquês Rasmus Kristian Rask (1787–1832), não faziam questão de se dissociar abertamente da autodenominação como “filólogos”, embora percebessem que tomavam direções diferentes daquelas seguidas pelos filólogos chamados clássicos. Com efeito, Grimm (1819, p. LI), por exemplo, ao discutir diversas questões programáticas, em sua gramática germânica de orientação histórico-comparativa, salientou a importância do estudo da história [geral], dos costumes e das lendas dos povos, ainda que o objeto principal de sua investigação fosse o desenvolvimento histórico dos dialetos e línguas propriamente ditos.

A distinção mais nítida entre filologia e linguística, tal como formulada por Schleicher, não foi necessariamente adotada por seus contemporâneos e sucessores. Rudolf Heinrich Georg von Raumer (1815–1876), por exemplo, apresenta duas definições diferentes de “filologia”: “Em sentido mais amplo, a filologia é a ciência do conjunto das expressões da vida de um povo; em sentido mais restrito, limita-se ao estudo da língua e da literatura.” (Raumer, 1870, p. 1, tradução própria³). Raumer assume a perspectiva da segunda definição para elaborar sua história da “filologia germânica”.

3 No original: “Im weiteren Sinn ist die Philologie die Wissenschaft von den gesammten Lebensäußerungen eines Volkes; im engeren beschränkt sie sich auf die Erforschung der Sprache und Literatur”.

O “grupo original” dos jovens gramáticos (cf. Jankowsky, 1972) adotou uma retórica que se pode qualificar como revolucionária (cf. Murray, 1994), por meio da qual buscavam contestar as práticas de seus predecessores⁴, como se pode observar na veemência das palavras contidas no “manifesto” de Osthoff e Brugmann (1878), por exemplo. Tal contraposição também se verifica nas palavras de Delbrück, outro membro pertencente ao grupo original dos jovens gramáticos. Delbrück descreve Schleicher como um filólogo em duas passagens específicas do capítulo em que sintetiza a obra e o pensamento de seu compatriota. Primeiramente Delbrück (1880, p. 42) apresenta Schleicher como um “filólogo” que, diferentemente dos demais “filólogos”, era, de fato, versado nas ciências naturais. No desfecho de seu capítulo, Delbrück alude novamente ao “filólogo”, concluindo que, na realidade, Schleicher não buscava seus métodos nas ciências naturais. Na realidade, ele os teria formulado previamente, de modo que suas referências às ciências naturais não passariam de meras analogias, especula Delbrück.

Em última instância, seria incompreensível que os métodos adequados a um objeto específico (o das ciências naturais) fossem aplicados a um objeto estranho (língua), razão pela qual Schleicher não teria logrado êxito em realizar a transferência de métodos de uma ciência para outra: “Mesmo Schleicher não foi capaz de fazer isso. Ele é, apesar de ele próprio recusar essa palavra, em sua essência, tanto quanto Bopp e Grimm, Pott e Curtius – um filólogo” (Delbrück, 2022b [1880], p. 34).

Apesar de não formular explicitamente uma definição de filologia e linguística, é possível reconstituir circunstancialmente a diferenciação que Delbrück faz entre ambos os campos⁵. Delbrück (1875) alude mais genericamente à investigação da língua como *Sprachstudium* “estudo da língua”. Mais especificamente, ao tratar das disciplinas específicas, refere-se indistintamente à *klassische Philologie*, *Philologie* e *Alterthumswissenschaft* “ciência da antiguidade”. Por

4 Não se pretende, aqui, entrar no mérito da discussão sobre se os jovens gramáticos teriam representado um “programa de investigação” diferente do de seus antecessores (cf. Bernardes, 2022a), se suas inovações teriam sido mais retóricas do que práticas, embora com justificativas inéditas (cf. Amsterdamska, 1987), se sua abordagem teria caracterizado senão uma “fase de transição” (*Phase des Übergangs*) entre a linguística histórico-comparativa do século XIX e a linguística estruturalista do século XX (cf. Einhauser, 1991) ou se seu programa teria se caracterizado como a continuidade de um outro, prévia e devidamente estabelecido, o qual poder-se-ia chamar de extensão do “paradigma schleicheriano” (cf. Koerner, 1989a). Para os propósitos deste artigo, pretende-se averiguar procedência de determinadas alegações acerca da filología, da linguística e da relação de Schleicher com ambas.

5 As obras de Delbrück consultadas são as de 1875 e 1880, de modo que não se pode afirmar, com base somente nestas, que o autor não tenha feito tal definição alhures. Contudo, entendo que as afirmações feitas em tais escritos sejam suficientes para estabelecer a distinção entre filología e linguística, tal como entendida pelo autor.

outro lado, distintamente em relação a estes termos, porém indistintamente entre si, Delbrück alude à outra disciplina específica como *Linguistik*, *Sprachvergleichung* “comparação linguística”, *vergleichende(s) Sprachstudium* “estudo comparativo das línguas”, *vergleichende Grammatik* “gramática comparativa” e *Sprachwissenschaft* “ciência da linguagem”.

Ainda que considere impossível fazer uma separação nítida entre as partes filológica e linguística da gramática, o autor as distingue e ressalta sua complementaridade, sobretudo a da linguística em relação à filologia: “A ciência da linguagem não oferece ao filólogo petiscos que um estômago frugal talvez pudesse evitar, mas sim o pão da vida, que ninguém é capaz de dispensar.” (cf. Delbrück, 1875, p. 10, tradução própria⁶).

Koerner (1989b, p. 239) ressalta que Schleicher – e ninguém mais! – fora o responsável por fazer essa distinção entre a linguística e a filologia clássica. Koerner (1983, p. XXIV) já manifestara ideia semelhante:

De fato, a concepção de língua de Schleicher bem como sua filosofia da ciência foram claramente fixadas em 1850, quando ele asseverou que a Linguística – em contradistinção à Filologia, uma disciplina histórica e intelectual (“geisteswissenschaftlich”) –, era, pelo menos no que diz respeito ao seu método de investigação, uma ciência natural (“Naturwissenschaft”). Com efeito, enquanto Bopp e, especialmente, Grimm caracterizavam seu trabalho como “neue Philologie” [nova filologia], i.e., mais como um desenvolvimento adicional e rejuvenescido do trabalho filológico tradicional, Schleicher estava optando por uma clara divisão de tarefa [...] (Koerner, 1983, p. XXIV, tradução própria⁷).

Tais divergências ensejam uma discussão sobre as diferentes significações atribuídas aos termos “filologia” e “linguística” ao longo de parte significativa do século XIX, a qual ora pretende-se realizar tomando como referência central a obra de Schleicher (1850).

6 No original: “Die Sprachwissenschaft liefert ja dem Philologen nicht etwa Leckerbissen, auf die ein genügsamer Magen allenfalls verzichten könnte, sondern Lebensbrot, das Niemand zu entbehren vermag”.

7 No original: “As a matter of fact, Schleicher’s conception of language as well as his philosophy of science were clearly fixed by 1850, when he asserted that Linguistics — in contradistinction to Philology, an historical and intellectual (‘geisteswissenschaftlich’) discipline — was, at least with regard to its method of investigation, a natural science (‘Naturwissenschaft’). Indeed, while Bopp and especially Grimm characterized their work as ‘neue Philologie’, i.e., more like a further, rejuvenated development of traditional philological work, Schleicher was opting for a clear-cut division of labour [...]”.

| Natureza, classificação e história das línguas

As reflexões de Schleicher acerca da natureza das línguas, sua classificação tipológica e história implicam a adoção de pressupostos teóricos e metodológicos específicos. Para os propósitos deste artigo, suas formulações são de particular importância para a compreensão do contraste que se estabelece entre a linguística e a filologia.

Em 1850, August Schleicher publicava sua obra intitulada *Die Sprachen Europas in systematischer Uebersicht* [“As línguas da Europa em visão geral sistemática”], que se divide em um curto prefácio (p. V-VI), em uma introdução (p. 1-39) e na apresentação sistemática de diferentes línguas, de acordo com sua “classe [tipologia]”. O autor reserva uma primeira parte à classe das línguas monossilábicas [*isolantes*] de fora da Europa (p. 40-56) e outras duas às línguas da Europa, uma delas, às línguas aglutinantes (p. 57-112), e outra, às flexionais (p. 113-243). Há, ainda, um apêndice, em que são discutidas questões relativas ao lituano e ao eslavo antigo (*altslawisch*) ou eslavo eclesiástico (*kirchenslawisch*) (p. 244-265).

A introdução à obra é constituída de cinco partes, em que Schleicher discute (i) a linguística e a filologia, (ii) a natureza e a divisão das línguas, (iii) a história das línguas, (iv) o método da linguística e (v) as línguas da Europa em geral. De todas as partes, são de especial interesse as quatro primeiras. Princípiemos esta análise pela segunda parte, seguindo pela terceira e quarta, para, por fim, retornarmos à questão inicial envolvendo os conceitos de filologia e linguística formulados pelo autor.

Cabe ressaltar que o conteúdo ora analisado foi expresso por Schleicher na obra de 1850. Embora guarde semelhanças com seu trabalho anterior, intitulado *Zur vergleichenden Sprachengeschichte* [“Por uma história comparativa das línguas”] (1848), algumas ideias foram completamente reformuladas⁸.

8 Compare-se, por exemplo, a afirmação de Schleicher (1848, p. 2), de acordo com a qual “[d]ie Sprache ist speciell menschlich, geistig, sie bietet daher in ihrem Verlaufe die grössten Analogien mit der Geschichte, in beiden zeigt sich ein stetiges Fortschreiten zu neuen Phasen [[a] língua é especialmente humana, espiritual [mental], portanto oferece em seu curso as maiores analogias com a história, em ambas se revela uma constante progressão para novas fases]”. Mais tarde, em nota de rodapé alusiva a essa passagem, Schleicher (1850, p. 10-11) declara que “[i]rrig ist daher die von mir [...] ausgesprochene Ansicht, dass die Sprache deshalb zu der geistigen Sphäre des Menschen gehöre, weil sie eine Geschichte habe, Geschichte aber nur innerhalb dieser Sphäre sich finde [[e]quivocada é a visão por mim expressa [...] de que a língua pertenceria à esfera espiritual do homem, porque teria uma história, história que, contudo, encontrar-se-ia somente no âmbito dessa esfera]”.

Para Schleicher, a língua é a expressão do pensamento articulada em forma de som. O pensamento é composto por dois tipos de elementos: (i) por *Begriffe* “conceitos” e *Vorstellung(en)* “representações” mentais; e (ii) por intermédio de uma dada *Beziehung* “relação”. Conceitos e representações mentais expressos em forma de som são comumente chamados de *Bedeutung* “significado”: “A natureza da língua se baseia, portanto, na maneira como, nela, significado e relação são expressos em forma de som” (Schleicher, 1850, p. 6, tradução própria⁹).

A expressão sonora de significado é uma característica compartilhada por todas as línguas. Há, entretanto, línguas que não expressam a “relação” na forma material sonora, senão por meio da disposição dos elementos na sentença, da ênfase (*Hervorheben*) na fala, gestos etc. A referida “natureza [tipo] da língua” é, portanto, determinada pelo modo como se manifesta a “relação” entre os “significados”.

Dessa maneira, resultam três tipos, ou, como quer Schleicher, três *Sprachklassen* “classes de línguas”, a saber, uma primeira, composta pelas “línguas monossilábicas [isolantes]” (*einsylbige Sprachen*), uma segunda, à qual pertencem as “línguas aglutinantes” (*agglutinirende(n) Sprachen*¹⁰), e uma terceira, que abarca as “línguas flexionais” (*flectirende Sprachen*).

Na primeira classe, a das línguas monossilábicas, a expressão sonora da relação é inexistente. Apenas os significados são articulados acusticamente, na forma de raízes. Esse é o caso, por exemplo, da língua chinesa. Na segunda classe de línguas, intermediária, são expressos acusticamente tanto os significados como as relações, com a ressalva de que, nessa classe de línguas, a relação se manifesta por intermédio de sons que, em sua origem, teriam sido sons de significado. Em alguns casos, o significado original se torna irreconhecível. Em outros, ele ainda é perceptível, a ponto de continuarem a ser grafados separadamente. Enquanto na primeira classe de línguas a palavra se constitui de uma unidade rígida, constata-se, na segunda, uma combinação de sons que compromete a unidade da palavra, haja vista que significado e relação são expressos acusticamente de forma separada, observa Schleicher. Em contrapartida, na terceira classe, a das línguas flexionais, significado e relação são igualmente expressos acusticamente, sem que, diferentemente da segunda classe, isso se realize em detrimento da unidade da palavra.

9 No original: “Das Wesen der Sprache beruht also in der Art und Weise, wie in ihr Bedeutung und Beziehung lautlich ausgedrückt wird”.

10 O termo alemão para “aglutinante” é *anleimend(en)*.

Schleicher enxerga maior proximidade entre as duas últimas classes, uma vez que, no caso da intermediária, a *Verschmelzung* “fusão” entre os sons seria tão íntima quanto aquela observável nas línguas flexionais. Ademais, nas duas últimas classes, a expressão sonora ocorre tanto para o significado como para a relação, ao passo que, nas línguas monossilábicas, a expressão sonora da relação inexiste completamente. Para Schleicher as línguas seriam “mais perfeitas” (*vollkommen*) ou “mais imperfeitas” (*unvollkommen*) a depender da classe à que pertencem. Assim, as monossilábicas pertenceriam às mais imperfeitas, enquanto as flexionais, às mais perfeitas. Cada classe, por conseguinte, ocuparia certo nível em uma determinada escala:

Esse nível [o das línguas flexionais] é o mais elevado, apresenta a imagem mais fiel do processo espiritual, do pensamento, no qual significado e relação também se interpenetram intimamente. [...] As línguas flexionais se encontram, portanto, na escala mais alta das línguas: somente aqui está desenvolvida uma verdadeira divisão no organismo da palavra, a palavra é a unidade na diversidade dos membros, correspondente ao organismo animal, do qual a mesma determinação se aplica (Schleicher, 1850, p. 9, tradução própria¹¹).

Esclareçamos o sentido de alguns dos termos empregados por Schleicher em suas formulações teóricas. O objeto “língua” como um todo, isto é, como organismo natural, é entendido como um “sistema” (*System*). Tal sistema é composto pelas três diferentes classes de línguas possíveis (monossilábicas [*isolantes*], aglutinantes e flexionais). Cada classe de língua corresponde a um “período” (*Periode*). A estrutura de cada classe de línguas, em particular, sugere que cada período teria se desenvolvido a partir de outro. Em outras palavras, as línguas monossilábicas teriam dado origem às aglutinantes, que, por sua vez, teriam originado as línguas flexionais. Portanto, cada “classe de língua” corresponderia a um “período”. Como, de acordo com essa visão, as línguas se desenvolvem em períodos, ou seja, na passagem de uma classe de língua para outra, o “sistema” (objeto “língua”) se caracteriza como um “momento” (*Moment*), no qual os diferentes períodos coexistem. Assim, tem-se um “*System als Theile nebeneinander* [sistema como partes adjacentes]”. A palavra “período” não tem implicações terminológicas quando utilizada por Schleicher em alusão

11 No original: “Diese Stufe ist die höchste, sie entwirft das treueste Bild des geistigen Prozesses, des Denkens, in welchem ja auch Bedeutung und Beziehung sich innig durchdringen. [...] Die flectirenden Sprachen stehen somit am höchsten auf der Scala der Sprachen: erst hier ist im Organismus des Wortes eine wahrhafte Gliederung entwickelt, das Wort ist die Einheit in der Mannigfaltigkeit der Glieder, entsprechend dem animalischen Organismus, von welchem dieselbe Bestimmung gilt.”.

a épocas específicas, como é o caso dos períodos [épocas] histórico e pré-histórico.

O desenvolvimento das línguas em períodos distintos, assim como o dos organismos animais, está sujeito a leis naturais que independem do livre arbítrio humano. Contudo, a expectativa de que línguas monossilábicas se desenvolvessem e se tornassem aglutinantes, e estas, em flexionais não é testemunhado ao longo de toda a época histórica. Diferentemente do que se poderia supor, as mudanças são observadas na forma de um “desgaste” (*Abschleifung*) das línguas no âmbito de suas próprias classes, de modo que, quanto mais se retrocede à antiguidade de certas línguas, maior é a atestação de formas mais ricas e de sua perfeição, como é o caso, por exemplo, do latim e do sânscrito, quando comparados às modernas línguas românicas e indianas, respectivamente. O chinês mais recente, por seu turno, apresenta formas tão monossilábicas quanto às dos registros escritos mais antigos dessa língua.

Não obstante, a inexistência de registros de línguas de uma dada classe se transformando em línguas de outra não seria uma evidência contrária ao pressuposto de que as línguas se desenvolveriam dessa maneira, pondera Schleicher. Tampouco deveria causar estranhamento o fato de que diferentes classes de línguas, representantes de estágios distintos de seu desenvolvimento, sejam coexistentes:

O *sistema* nos mostrou que nem todas as línguas chegaram ao nível mais elevado, assim como tampouco toda substância orgânica se desenvolveu em organismo vivo; em cada grau e nível intermediário, partes da substância sonora se solidificaram, como partes da [substância] orgânica em cada nível da escala da vida orgânica. A história e o desenvolvimento se tornam adequados ao *sistema* somente pelo fato de que cada período deixa para trás um representante, de modo que a sucessão da história se transforma em justaposição do *sistema* (Schleicher, 1850, p. 14-15, tradução própria¹², grifo próprio).

De acordo com Schleicher, isso demonstra que os desenvolvimentos teriam ocorrido em uma época pré-histórica. Daí conclui-se que a história das

12 No original: “Dass sich nicht alle Sprachen bis zur höchsten Stufe emporgearbeitet haben, zeigte uns das System, so wenig als alle organische Substanz sich bis zum animalischen Organismus entwickelte; auf jeder Stufe und Zwischenstufe sind Theile der lautlichen Substanz erstarrt, wie Theile der organischen auf jeder Stufe der Scala organischen Lebens. Nur dadurch wird die Geschichte, das Werden dem Systeme adäquat, dass jede Periode einen Repräsentanten zurücklässt, wodurch eben das Nacheinander der Geschichte in das Nebeneinander des Systems umschlägt”.

línguas se divide em duas partes: uma pré-histórica, ou de “desenvolvimento” (*Entwickelung*), e outra histórica, ou de “declínio” (*Verfall*). A transformação de línguas de certas classes em línguas de outras classes, bem como a solidificação de línguas no âmbito de uma dada classe, teria ocorrido durante sua pré-história. Por outro lado, o declínio das línguas, igualmente regido por leis naturais, pode ser observado em sua época histórica, manifestando-se de diversas formas, seja na fonologia, na morfologia ou na sintaxe, independentemente da classe à qual pertençam. Schleicher não cogita, porém, a hipótese de que o declínio das línguas seja responsável por seu retorno a um estágio anterior.

| Método da linguística

As comparações e metáforas de que Schleicher lança mão para caracterizar as línguas e organismos naturais não são recursos meramente retóricos. De fato, o autor pressupõe que a língua pertence à esfera natural, de tal sorte que a ciência cujo objeto investigativo se constitui da língua propriamente dita não poderia ser outra, senão uma ciência natural, representada, nesse caso, pela linguística. Por conseguinte, seu método também deveria ser buscado nas ciências naturais, o que resulta ser a *Vergleichung* “comparação” dos *Sprachorganismen* “organismos linguísticos”.

Todas as línguas conhecidas devem ser comparadas. Mais precisamente, o que representa o objeto da comparação é “a natureza da língua” (*das Wesen der Sprache*), constituída pelos significados e relações expressos ou não acusticamente nas três classes de línguas existentes. Em outras palavras, o método da linguística se baseia na comparação da gramática das diferentes línguas, de modo que se possam determinar as categorias de gênero, espécies, subespécies e, por fim, os indivíduos.

Ao se compararem diferentes línguas, seu percurso deve ser rastreado historicamente até suas formas mais antigas. Em caso de escassez de documentação linguística, tais formas devem ser “deduzidas” (*erschlossen*), isto é, “reconstruídas” (*reconstruit*). Por meio da comparação da estrutura gramatical observada nas diferentes classes de línguas, seria possível determinar o parentesco entre as mesmas. Schleicher enfatiza a importância da observância das *Lautgesetze* “leis sonoras” quando da comparação de tais estruturas.

| Filologia e linguística: a mútua complementaridade de duas disciplinas autônomas

Da segunda à quarta seção da introdução de *Die Sprachen Europas in systematischer Uebersicht* (1850, p. 5-28) não se discute o campo da “filologia”. Isso se deve ao fato de que, na primeira, Schleicher já fizera uma clara distinção entre filologia e linguística, dedicando as demais à caracterização da língua como um organismo natural e da disciplina que a tem como objeto de investigação exclusivo, ou seja, a linguística, como uma ciência igualmente natural. Nessas três partes introdutórias, Schleicher se refere à *Philologie* uma única vez (p. 25), quando observa que questões estilísticas pertencem a esse campo, não ao da *Linguistik*.

Ocasionalmente, Schleicher alude a dois tipos de “história”, primeiramente (p. 16), referindo-se a um tipo de *Geschichte* “história” que se contrapõe à *Sprachengeschichte* “história das línguas”, especificamente. A “história das línguas” faz parte da natureza humana e, portanto, pertence ao campo da linguística; em um segundo momento, Schleicher (1850, p. 21, tradução própria¹³) se refere à *Geschichte* como matéria pertencente à “esfera da atividade espiritual livre”, que está sujeita ao arbítrio humano e, portanto, foge ao campo da linguística.

Assim sendo, “história” e “história das línguas” representam conceitos completamente distintos: a história estaria sujeita ao livre arbítrio humano e seria objeto da “ciência histórica” (*geschichtliche Wissenschaft*), enquanto a história das línguas corresponderia ao desenvolvimento das línguas em conformidade com leis naturais que independem da vontade humana, sendo, portanto, objeto da ciência natural denominada *Linguistik*.

Para Schleicher, a ciência que já era cultivada havia um período considerável de tempo e cujo objeto mais geral era a língua se dividira apenas recentemente em dois campos, a saber, o da filologia e o da linguística. Na primeira parte de sua introdução, ele distingue esses campos claramente:

A ciência mesma, que inicialmente tem como objeto a língua, ainda que a considere preferencialmente apenas como meio para penetrar na essência e na vida espiritual de um ou vários povos, é a *filologia*, e ela pertence essencialmente à história. A ela se opõe a *linguística*; esta tem por objeto a língua como tal e nada tem a ver diretamente com a vida

13 No original: “Sphäre der freien geistigen Thätigkeit”.

histórica dos povos que falam as línguas; ela faz parte da história natural do ser humano (Schleicher, 1850, p. 1, tradução própria¹⁴).

No campo da filologia, a língua é, portanto, um *Organon* “instrumento” com cujo auxílio se busca compreender “a vida espiritual” (*das geistige Leben*) de um determinado povo. O objeto da filologia é a *Geschichte*, a qual se investiga por meio da literatura. Consequentemente, só existe filologia onde há literatura, de modo que não poderia haver, por exemplo, uma filologia das línguas dos povos indígenas americanos. Por outro lado, as línguas desses mesmos povos constituem um objeto de grande interesse para a linguística, argumenta Schleicher.

Uma vez que os dois campos de investigação têm objetos distintos, seus métodos de investigação também divergem: os métodos da filologia seriam os das *Geschichtswissenschaften* “ciências históricas”, enquanto os da linguística seriam próprios das *Naturwissenschaften* “ciências naturais”.

Schleicher considera que a filologia e a linguística se entrecruzam em uma área passível de divisão em duas partes: a da *Formenlehre* [morfologia¹⁵] e a da *Syntax*. Interessantemente, Schleicher considera a sintaxe mais dependente da vontade humana. Essa constatação não surpreende, caso consideremos que Schleicher (1850, p. 4) aparentemente entende a sintaxe como uma questão estilística, observando que o *Stil* “estilo” pertence ao campo da filologia. Desse modo, a sintaxe estaria mais inclinada à filologia. Diferentemente, na morfologia só seria identificável aquilo que está na natureza humana, de cuja vontade independe completamente. A morfologia, portanto, pertenceria exclusivamente ao campo da linguística.

Assim, Schleicher estabelece claramente a autonomia de uma disciplina em relação à outra, bem como seus pontos de contato. Por outro lado, a relação entre a filologia e a linguística não se limitaria à intersecção existente entre ambas na área constituída pela morfologia e pela sintaxe:

Que ambas as disciplinas frequentemente se tocam e que uma não pode prescindir da outra decorre da própria natureza das coisas; uma

14 No original: “Die Wissenschaft nämlich, welche zwar zunächst die Sprache zum Object hat, dieselbe aber doch vorzugsweise nur als Mittel betrachtet um durch sie in das geistige Wesen und Leben eines oder mehrerer Volksstämme einzudringen ist die *Philologie* und sie gehört wesentlich der *Geschichte* an. Ihr gegenüber steht die *Linguistik*, diese hat die Sprache als solche zum Object und sie hat direct mit dem geschichtlichen Leben der die Sprachen redenden Völker Nichts zu schaffen, sie bildet einen Theil der *Naturgeschichte des Menschen*”.

15 Schleicher passa a empregar o termo *Morphologie* apenas a partir de 1859.

serve à outra como ciência auxiliar. O linguista utilizará agradecidamente os resultados obtidos pelo filólogo, e vice-versa (Schleicher, 1850, p. 4, tradução própria¹⁶).

A despeito da complementaridade existente entre a filologia e a linguística, a distinção que Schleicher faz entre ambas é mais acentuada do que a observada em outras abordagens, ao menos do ponto de vista teórico: para Schleicher, a linguística pertence às ciências naturais, e a filologia, às humanidades, ao passo que, para os jovens gramáticos, por exemplo, os dois campos são distintos, porém ambos pertencem às ciências humanas.

| A filologia e a linguística entre sucessores de Schleicher

No que diz respeito às afirmações de Osthoff e Brugmann no prefácio à primeira parte de suas *Morphologische Untersuchungen* (1878), atenhamo-nos a algumas de suas particularidades. Os autores observam que a ciência da linguagem praticada até então investigava demasiadamente “a língua no papel” (*die sprache auf dem papier*), isto é, a língua escrita, em detrimento de seu falante. Osthoff e Brugmann (1878, p. VIII) ressaltam a importância dos dialetos “indo-germânicos [indo-europeus]” vivos para metodologia da linguística comparativa. Ademais, o estudo do falante seria especialmente relevante em decorrência de seu mecanismo de fala, que envolve um componente “psíquico” e um “corporal [físico]” (*leiblich(e)*). Destaquemos, também, que Osthoff e Brugmann (1878, p. XIII, tradução própria¹⁷) enfatizam as “leis inexpcionais” (*ausnahmslose(n) gesetze(n)*) e a “analogia” (*analogie*) como “[o]s dois princípios metodológicos mais importantes da ‘orientação dos jovens gramáticos’”.

Um exame mais detido, contudo, indica que Schleicher já contemplara essas questões em maior ou menor medida, ainda que não se aprofundasse nos temas. Conforme discutido anteriormente, pudemos observar que Schleicher considerava as línguas indígenas da América, apesar de desprovidas de tradição escrita, como objeto de grande interesse para a linguística. Além da investigação das próprias línguas vivas faladas, Schleicher (1850, p. 17) atribui especial relevância ao papel que a natureza “fisiológica” do aparelho fonador, compartilhada por todos os seres humanos, desempenha nos processos de mudança sonora. Ademais, apesar de não dar à hipótese das *Lautgesetze* como

16 No original: “Dass beide Disciplinen sich vielfach berühren, die eine der andern nicht entrathen kann, ergiebt sich aus der Sache selbst; die eine dient der andern als Hülfsissenschaft. Der Linguist wird die vom Philologen gewonnenen Resultate dankbar benutzen und umgekehrt”.

17 No original: “Die zwei wichtigsten von den methodischen grundsätzen der ‘junggrammatischen’ richtung”.

“inexcepionais” a mesma ênfase que lhe foi dada posteriormente pelos jovens gramáticos, Schleicher discorre reiteradas vezes sobre tais leis sonoras e seu papel significativo nas mudanças e correspondências sonoras nas línguas e entre línguas comparadas. Ainda que essas visões convergissem significativamente com as dos jovens gramáticos, Osthoff e Brugmann (1878, p. III) se referiam a seus antecessores, inclusive Schleicher, como praticantes de uma “ältere vergleichende sprachforschung [linguística comparativa mais antiga]”.

Considerando-se a retórica de descontinuidade dos jovens gramáticos em relação às práticas anteriores, poder-se-ia argumentar que, ao negar a vinculação de Schleicher às ciências naturais, Delbrück, outro expoente da orientação neogramática, teria tentado, na realidade, afastá-lo dessa disciplina científica e aproximá-lo de sua própria, como conclui Bernardes (2022b, p. 18), por exemplo:

Levando em consideração que a maior parte dos cargos de professores nas universidades alemãs era de filologia, e não de linguística, e de que a maioria dos alunos passava pelas cadeiras de filologia, os jovens gramáticos viram nisso uma oportunidade de se fazerem mais presentes na comunidade acadêmica. Tentar um distanciamento da filologia poderia acarretar uma extinção do programa por falta de cargos, de alunos e de investimento. Portanto, enquanto para Schleicher ser considerado um filólogo poderia ser indesejável, dada a sua preferência pelo termo “glótica”, para um jovem gramático como Delbrück isso nada mais seria do que inseri-lo na mesma tradição.

Contudo, essa conduta mais ou menos sutil frente aos seus antecessores e contemporâneos parece sugerir que os jovens gramáticos, sobretudo os do grupo original de meados dos anos 1870, buscavam demarcar claramente suas posições, contrastando-as com as dos demais. Em uma carta endereçada a Brugmann, datada de 2 de abril de 1877, Osthoff oferece o seguinte conselho a seu destinatário:

A correspondência com C[urtius] eu [...], em seu lugar, guardaria cuidadosamente: talvez ela possa servir à posteridade, quando estivermos haverá muito tempo no túmulo, como um documento valioso na história da linguística, na medida em que ela ilustra não apenas um conflito pessoal, senão a luta de uma orientação inovadora contra

uma velha e apodrecida (Einhauser¹⁸, 1992, p. 31 *apud* Jankowsky, 2001, p. 1353, tradução própria¹⁹).

Depreende-se do teor da carta a Brugmann que Osthoff tinha a clara impressão de que os jovens gramáticos estariam marcando época, pois não somente divergiam da prática de seu antecessor, como também a combatiam.

Ademais, nota-se que, ao equiparar Schleicher a Bopp, Grimm, Pott²⁰ e Curtius, caracterizando a todos como “filólogos”, Delbrück os lista cronologicamente, conforme a idade ou época de maior atividade em seu campo de atuação, de modo a demarcar um intervalo específico, que se inicia com Bopp e se encerra com Curtius. Delbrück não menciona Johann Heinrich August Leskien (1840–1916), por exemplo, que fora discípulo de Schleicher, porém, mais tarde, viria a se tornar amigo e “guru” dos jovens gramáticos (cf. Morpurgo Davies, 1998, p. 229).

Por fim, observe-se que, ao negar que Schleicher fosse um cientista natural, rotulando-o senão como um filólogo, Delbrück não necessariamente buscava vinculá-lo ao seu próprio programa de investigação. Delbrück em nenhum momento denomina a si mesmo ou aos demais jovens gramáticos como “filólogos”. Com efeito, o quarto capítulo da obra introdutória de Delbrück (1880, p. 54-60), intitulado “*Neue Bestrebungen [Novos Empreendimentos]*”, sucede justamente o capítulo sobre Schleicher, algo que, se não reforça o contraste entre o que se lograra até então e o alegado caráter inovador que os jovens gramáticos afirmavam representar, ao menos demarca uma distinção, ainda que sutil.

| Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar as reflexões de August Schleicher acerca do estatuto da *Philologie* e da *Linguistik*, no contexto de meados do século XIX, especificamente em sua obra intitulada *Die Sprachen Europas in systematischer Uebersicht* [“As línguas da Europa em visão geral sistemática”] (1850). Para Schleicher, filologia e linguística representam campos distintos: na filologia,

18 EINHAUSER, Eveline. *Lieber freund...: Briefe Hermann Ostoffs an Karl Brugmann, 1875–1904*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 1992.

19 No original: “Die Korrespondenz mit C[urtius] würde ich [...] an Deiner Stelle sorgfältig aufbewahren: sie kann vielleicht der Nachwelt, wenn wir längst im Grabe liegen, als wertvolles Dokument in der Geschichte der Sprachwissenschaft dienen, insofern als sie nicht nur einen persönlichen Konflikt, vielmehr den Kampf einer sich Bahn brechenden neuen Richtung mit einer alten verrotteten illustriert”.

20 August Pott (1802-1887).

uma “ciência histórica”, portanto, humana, a língua seria um instrumento para a investigação da “vida espiritual [história, cultura etc.]” dos povos, enquanto, na linguística, uma ciência natural, o objeto de investigação é a língua propriamente dita.

Buscou-se, aqui, descrever e interpretar as visões de língua apresentadas por Schleicher, bem como os métodos descritos para a realização de investigações por *intermédio* das línguas como objetos propriamente ditos. Para o autor, o objeto “língua” como um todo, isto é, a linguagem humana, corresponde a um “sistema” composto por diferentes “classes” de línguas (monossilábicas [isolantes], aglutinantes e flexionais. Assim como os organismos vivos, as línguas se desenvolvem em função de leis naturais de modo a passarem de uma classe a outra. Analogamente aos organismos naturais, nem todas as línguas se desenvolvem igualmente, de maneira que algumas passam de uma classe a outra, enquanto outras se solidificam em uma determinada classe. Observa-se, também, a deterioração das línguas, sem que isso necessariamente acarrete sua alternância de uma classe a outra.

Delbrück (1880) caracteriza Schleicher justamente como um “filólogo”, a despeito de suas inúmeras declarações de autoidentificação como cientista natural. Contudo, a partir das concepções de Schleicher acerca do objeto “língua”, verifica-se que o autor estipula que a ciência que investiga as línguas por meio da comparação de suas estruturas gramaticais é a linguística, enquanto o campo em que se utiliza a língua como instrumento com outros fins, não como objeto próprio de investigação, corresponde à filologia. Por essa razão, a investigação em cada um dos campos requer métodos completamente distintos.

Schleicher estabelece claramente a distinção entre o que entende por *Philologie* e *Linguistik*. Como bem observa Koerner (1989b, p. 239), Schleicher fora o primeiro a delimitar nitidamente as duas disciplinas. Neste artigo, buscou-se transcender o trabalho de Koerner ao demonstrar como Schleicher especifica e caracteriza o objeto da linguística, bem como as tarefas e métodos da disciplina, reforçando seu contraste com a filologia. Por outro lado, buscou-se evidenciar que, ainda que pressupusesse a autonomia das disciplinas, Schleicher valorizava o fato de que elas não rivalizavam, senão se complementavam mutuamente, de modo que os resultados obtidos por uma eram bem-vindos à outra.

Ainda que Delbrück e outros tivessem motivos para questionar o organicismo de Schleicher e sua autovinculação às ciências naturais, alegações de que Schleicher seria um filólogo não se sustentam de pontos de vista que considerem a filologia e a linguística como disciplinas autônomas, cujos objetos e métodos

de investigação sejam distintos. Desse modo, caso se adotasse uma perspectiva diferente da de Schleicher, segundo a qual o conceito de “filologia” abrangesse mais do que estudos estritamente linguísticos, como admite Raumer (1870), daí concluir-se-ia que o próprio Delbrück teria sido tão filólogo quanto Schleicher.

Agradecimentos

Agradeço aos/às pareceristas anônimos(as) pelas valiosas contribuições, as quais busquei incorporar ao presente texto na medida em que as condições o permitiram. Em todo caso, elas certamente ensejaram reflexões enriquecedoras para este e para futuros trabalhos.

Referências

- AMSTERDAMSKA, O. **Schools of thought: the development of linguistics from Bopp to Saussure**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1987.
- BERNARDES, E. M. **Movimentações epistemológicas na linguística entre 1861 e 1880**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022a.
- BERNARDES, E. M. **August Schleicher, um filólogo?** – Uma tradução anotada do capítulo III de *Einleitung in das Sprachstudium*, de Berthold Delbrück. 2022. Monografia (Habilitação: Letras – Português – Bacharelado em Estudos Linguísticos) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022b.
- BRUGMAN[N], K. Nasalis sonans in der indogermanischen Grundsprache. **Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik**, v. 9, p. 285-338, 1876a.
- BRUGMAN[N], K. Zur Geschichte der stammabstufenden Declinationen. Erste Abhandlung: Die Nomina auf -ar- und -tar-. **Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik**, v. 9, p. 361-406, 1876b.
- DELBRÜCK, B. **Das Sprachstudium auf den Deutschen Universitäten:** Praktische Rathschläge für Studirende der Philologie. Jena: Verlag von Hermann Dufft, 1875.
- DELBRÜCK, B. **Einleitung in das Sprachstudium**. Ein Beitrag zur Geschichte und Methodik der vergleichenden Sprachforschung. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1880.

DELBRÜCK, B. August Schleicher. *In: BERNARDES, E. M. **August Schleicher, um filólogo?*** – Uma tradução anotada do capítulo III de *Einleitung in das Sprachstudium*, de Berthold Delbrück. 2022. Monografia (Habilitação: Letras – Português – Bacharelado em Estudos Linguísticos) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022b [1880]. p. 19-34.

EINHAUSER, E. Hat es in der Sprachwissenschaft eine “junggrammatische Revolution” gegeben? *In: KLEIN, E.; POURADIER DUTEIL, F.; WAGNER, K. H. (ed.). **Betriebslinguistik und Linguistikkbetrieb:** Akten des 24. Linguistischen Kolloquiums, Universität Bremen, 4.-6. September 1989.* Berlin, New York: Max Niemeyer Verlag, 1991. v. 1.

GRIMM, J. L. K. **Deutsche Grammatik.** Göttingen: Dietersche Buchlandlung, 1819. v. 1.

JANKOWSKY, K. R. **The Neogrammarians:** A re-evaluation of their place in the development of linguistic science. Paris and Haia: Mouton, 1972.

JANKOWSKY, K. R. The consolidation of the neogrammarian framework. *In: AUROUX, S. et ali. **History of the language sciences:** an international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present = Geschichte der Sprachwissenschaften: ein internationales Handbuch zur Entwicklung der Sprachforschung von den Anfängen bis zur Gegenwart = Histoire des sciences du langage: manuel international sur l”évolution de l”étude du langage des origines à nos jours.* Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2001. p. 1350-1367. 2 v.

KOERNER, E. F. K. The Schleicherian paradigm in linguistics. *In: KOERNER, E. F. K. (ed.). **August Schleicher, Die Sprachen Europas in systematischer Übersicht:** Linguistische Untersuchungen.* Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1983. v. 4.

KOERNER, E. F. K. The Neogrammarian Doctrine: Breakthrough or extension of the Schleicherian paradigm. A problem in linguistic historiography. *In: KOERNER, E. F. K. **Practicing Linguistic Historiography:** Selected essays.* Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1989a. p. 79-100.

KOERNER, E. F. K. On the Historical Roots of the Philology vs Linguistics Controversy. *In: KOERNER, E. F. K. **Practicing Linguistic Historiography:** Selected essays.* Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1989b. p. 233-244.

KOERNER, E. F. K. August Schleicher and Linguistic Science in the Second Half of the 19th Century. In: KOERNER, E. F. K. **Practicing Linguistic Historiography**: Selected essays. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1989c. p. 325-375.

MORPURGO DAVIES, A. **History of Linguistics, Volume IV**: Nineteenth-Century Linguistics. London, New York: Routledge, 1998.

MURRAY, S. O. Theory Groups in Science. In: MURRAY, S. O. **Theory Groups and the Study of Language in North America**: A social history. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 16-28.

OSTHOFF, H.; BRUGMAN[N], K. Vorwort. In: OSTHOFF, H.; BRUGMAN[N], K. **Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen**. Leipzig: S. Hirzel, 1878. p. III-XX.

RAUMER, R. von. **Geschichte der Germanischen Philologie**: vorzugsweise in Deutschland. München: Oldenbourg, 1870.

SCHLEICHER, A. **Zur vergleichenden Sprachengeschichte**. Bonn: H. B. König, 1848.

SCHLEICHER, A. **Die Sprachen Europas in systematischer Uebersicht**. Bonn: H. B. König, 1850.

SCHLEICHER, A. **Die Deutsche Sprache**. Stuttgart: Cotta, 1860.

SWIGGERS, P. Modelos, Métodos y Problemas en la historiografía de la lingüística. In: ZUMBADO, C. C. (ed.). **Nuevas Aportaciones a la historiografía lingüística**. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. Madrid: Arco Libros, 2004. p. 113-146.

SWIGGERS, P. Linguistic Historiography: a metatheoretical synopsis. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.73-96, 2017.

Como citar este trabalho:

NOBREGA, Rogerio Ferreira da. Reflexões de August Schleicher sobre a autonomia e a complementaridade da Linguística e da Filologia. Revista do GEL, v. 21, n. 3, p. 245-265, 2024. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>.

Submetido em: 17/10/2024 | Aceito em: 19/02/2025.